

CORPO E HISTORICIDADE: UM PERCURSO DO CORPO FÍSICO AO CORPO INCONSCIENTE NA TEORIA DE ANDRE LAPIERRE

Marcelino Viana da Silva Neto

Doutorando, CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal
marcelinovsneto@gmail.com

Andréa Stopiglia Guedes Braide

Docente da Escola de Saúde Pública do Ceará, Brasil
andreasgbraide@gmail.com

Zélia Ferreira Caçador Anastácio

Docente CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal
zeliat@ie.uminho.pt

Received: 11 febrero 2023

Revised: 16 febrero 2023

Evaluator 1 report: 15 marzo 2023

Evaluator 2 report: 08 abril 2023

Accepted: 19 abril 2023

Published: junio 2023

RESUMO

A história do corpo não foi bem delineada ao longo do tempo. Se utilizada como referência cronológica a Idade Média, percebe-se uma atmosfera de interdições e proibições, associando o corpo ao preconceito sobre a sexualidade e as sensações que contrapunham o pensamento religioso da época, base de um pensamento ocidental, o qual se conserva, em parte, atualmente. No entanto, o século XX traz consigo o advento de estudos científicos nas áreas médica e psicológica, provocando mudanças nessa perspectiva. O termo psicomotricidade, por exemplo, surgiu nas pesquisas da neurologia no ano de 1900 em contraposição ao pensamento cartesiano, introduzindo a ideia coerente de que corpo e mente são elementos unificados e a integração saudável deles é formadora da identidade equilibrada do sujeito. No percurso do referido século, autores como Andre Lapierre apresentaram resultados dos seus estudos sobre o corpo, mostrando a exatidão, o rigor e, simultaneamente, a ousadia e a contestação, que conduzem a algumas constatações a respeito do corpo e de tudo o que se encontra no seu entorno de forma consciente e inconsciente. Um dos grandes legados do século XX está na condição do corpo afetivo/inconsciente a partir dos trabalhos do mundo pós-guerra, em uma análise do corpo na totalidade, como morada dos sentimentos e das experiências fundamentais para a constituição do ser. Por meio de uma pesquisa de análise bibliográfica, esta comunicação tem, portanto, o objetivo de debater o percurso acerca do corpo e as evoluções dos pensamentos que levaram a novas teorias e abordagens do desenvolvimento humano, em especial, a prática da Psicomotricidade Relacional à luz da experiência do francês Andre Lapierre, que apresenta uma visão inovadora e restauradora das emoções a partir do movimento corporal espontâneo e simbólico.

Palavras-chave: corpo; movimento; psicomotricidade relacional

ABSTRACT

Body and historicity: a journey from the physical body to the unconscious body in the theory of Andre Lapierre.

The history of the body has not been well outlined over time. If we use the Middle Ages as a chronological reference, we can notice an atmosphere of interdictions and prohibitions, associating the body with the prejudice about sexuality and sensations which opposed the religious thought of that time, the basis of Western thought, which is partially preserved nowadays. However, the 20th century brings the advent of scientific studies in the medical and psychological areas, causing changes in this perspective. The term psychomotricity, for instance, appeared in the neurology research in 1900 in opposition to Cartesian thought, introducing the coherent idea that body and mind are unified elements and their healthy integration forms the subject's balanced identity. In the course of that century, authors like Andre Lapierre present the results of their studies about the body, showing the accuracy, the rigour and, simultaneously, the boldness and the contestation, which lead to some findings about the body and everything around it in a conscious and unconscious way. One of the great legacies of the 20th century is in the condition of the affective/unconscious body from the works of the post-war world, in an analysis of the body in its totality, as the home of feelings and of the fundamental experiences for the constitution of the being. Through a bibliographical analysis research, this communication has, therefore, the purpose of discussing the path of the body and the evolution of thoughts that led to new theories and approaches to human development, especially the practice of Relational Psychomotricity in the light of the experience of the Frenchman Andre Lapierre, who presents an innovative and restorative vision of emotions from the spontaneous and symbolic body movement.

Keywords: body; movement; relational psychomotricity

INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO

História do corpo e percurso de Andre Lapierre

A história do corpo não tem sido bem delineada pelos historiadores que silenciam sobre essa questão. Le Goff e Truong (2006) fazem um levantamento dos motivos que têm empurrado o corpo para fora da história, apondo os mistérios e ideias que circundam essa omissão, com a intenção de preencher essa lacuna, desmistificando os tabus e preconceitos existentes.

Os autores citados apresentam os resultados dos seus estudos sobre o corpo, de forma bastante esclarecedora e clara, que propõe a exatidão, o rigor e, simultaneamente, a ousadia e a contestação, que conduzem os leitores a algumas constatações a respeito do corpo e de tudo o que se encontra no seu entorno, gerando negrimes e interdições, proibições e espessuras. Assim, Le Goff e Truong (2006) convidam outros estudiosos a se aventurarem em uma análise do corpo, em sua totalidade, no espaço de tempo anterior aos estudos de Andre Lapierre, quando o corpo parece ter sido ignorado, em decorrência da mentalidade e dos costumes que denotaram grandes preconceitos contra o corpo, não o reconhecendo como fonte de prazer.

Na perspectiva de Hildegard de Bingen (1995), o corpo, inicialmente, foi escamoteado em um jogo ambíguo, cobrindo-o e descobrindo-o, mostrando-o e ocultando-o, sobretudo o corpo feminino, tomado como imperfeito, conspurcado pelo pecado de Eva. Como nos é lembrado por essa autora, os padres e os clérigos preferiam referir-se à modelagem divina de Eva a partir de uma costela retirada de Adão, definindo que desde o momento da criação dos corpos se estabeleceu a desigualdade e dependência original da mulher em relação ao homem.

Georges Duby (1989), em um momento que antecedeu os estudos de Le Goff e Truong, ressaltou que “a Idade Média é masculina. Todas as falas que me chegam e me informam são de homens convencidos da superioridade do seu sexo. Só a eles oiço.” (Viana, 2012, p. 16). Por ser esse, entretanto, de uma superioridade ilusória, o corpo masculino, também, acabou por ser tocado pela ideia da vergonha e do desprezo, transportando-se para a imensa mancha de penumbra.

Ainda na Idade Média, o papa Gregório Magno (*apud* Le Goff & Truong, 2006) qualificou o corpo como a

“abominável vestimenta da alma” (p.11), enquanto os monges, que na Alta Idade Média eram o modelo a seguir, mortificavam seus corpos com pertinaz tenacidade jejuando, vergastando-se, usando cilícios, na vã tentativa de afastar a tentação, portanto o pecado (Bingen, 1995). A esse respeito Le Goff e Truong (2006) referem que “o pecado original [...] que figura no Génesis como pecado de orgulho e desafio lançado a Deus, torna-se, na Idade Média, um pecado sexual” (p.6), visualizando, assim, de acordo com Duby (1989), que “o corpo é o grande derrotado do pecado de Adão e Eva, revisitado nessa versão” (Viana, 2012, p.16).

O corpo, portanto, é visto nessa obra de Le Goff e Truong (2006) como objeto da sexualidade e fonte de prazer, contrastando a severidade do Cristianismo com a obstinação do paganismo, da urgência do riso ao dom das lágrimas, do rigor do celibato ao amor cortês, da gula à abstinência anorética, do elogio da dor à busca clandestina e marginalizada, ao voo do prazer e da construção do erotismo (Nóbrega, 2010). Mas o trabalho destes autores é igualmente elaborado em torno das inúmeras tensões vigentes na Idade Média, principalmente, as tensões entre corpo e alma.

A alma é vista como algo sublime e glorificada em oposição ao corpo desprezado e perverso. Este é visto com desdém e como ameaça, sobretudo no que diz respeito ao feminino, referido por Santo Agostinho como arma envenenada de Belzebu e como ‘instrumento do Diabo’, santificado ou violentado, desejado e anulado, ignorado e exaltado. O corpo do homem, que foi resgatado por François Villon, século XV, depois de louvar a beleza e a suavidade da beleza da filha de Eva “Estes lindos ombrinhos, estes braços compridos e estas mãos finas, estes seios pequenos, estas ancas carnudas altas, rijas, feitas para os torneios amorosos” (Le Goff & Truong, 2006, p. 177) para, de imediato, soltar os versos mordazes que encontram na virilidade o seu apogeu. Existe uma exacerbação das tensões na Idade Média que se encerram. É o respeito pelo coração, mas também a vingança do corpo, o que ele exprime com sua história vivida.

A Psicomotricidade Relacional faz parte de um processo histórico de estudos acerca do corpo que, bem antes de Andre Lapierre, tinha um corpo teórico pouco sustentado. Lapierre e Lapierre (2002) afirmam que todo o seu percurso gravita ao redor de uma única palavra referencial de uma evolução e de estudos – o corpo – explorado em suas nuances e dimensões funcionais, anatômicas, fisiológicas e psicológicas até avançar aos conceitos psicanalíticos de um corpo psíquico, sem se perder nessa dimensão do ‘Psi’ (Nóbrega, 2010).

Entre uma Educação Física pautada em preceitos militarizados decorrentes da Segunda Grande Guerra Mundial, e considerando suas experiências com o corpo da dor e no prazer, decorrente da educação desportiva, Lapierre foi descobrindo mais sobre o seu próprio corpo e apaixonou-se pela anatomia e fisiologia do movimento humano (Lapierre & Lapierre, 2002).

Interessado por essa via do conhecimento, Lapierre envereda pelo campo da Cinesiologia. As escolas de massagista-cinesioterapeuta, título recém-criado, não sabiam bem o que fazer com esse conhecimento e uma delas direcionou um convite à Escola de Educação Física dirigida por Lapierre, o qual, como único interessado, encaminhou-se a ministrar aulas nessa temática, tornando-se desde cedo uma referência. A sua publicação sob o título ‘Reeducação Física’ (Lapierre, 2010) foi considerada um clássico, mas, por essa positiva ousadia, apenas com 27 anos de idade, foi repreendido pelo Ministério da Saúde, por meio do Conselho Superior de Cinesiologia, que o impediu de ministrar aulas de Cinesiologia. Lapierre, humildemente, em seguida, frequentou cursos dados por aqueles que foram seus próprios alunos, sendo reconhecido, então, como Cinesioterapeuta (Lapierre & Lapierre, 2002).

Lapierre continua suas atividades como professor de Educação Física e paralelamente abre um espaço particular para o atendimento em Cinesiologia. Como um profissional de visão, evolui no seu processo e atuação, encontrando profissionais como Boris Dolto e François Dolto com quem conversa sobre a ‘Psi’. Entrou em contacto com teorias piagetinas vigentes na França e juntamente com os diretores de Centro de Reeducação, entre eles Aucouturier, começa a repensar as imprecisões nos títulos oferecidos e nas práticas realizadas, crendo estes que o melhor caminho era fazer o novo. O novo era a Psicomotricidade, termo já antes criado por Dupré (1900), mas que encontrava agora uma nova dimensão nos conceitos pedagógicos de Piaget e de uma organização corporal de Shilder (Lapierre & Lapierre, 2002).

CORPO E HISTORICIDADE: UM PERCURSO DO CORPO FÍSICO AO CORPO INCONSCIENTE NA TEORIA DE ANDRÉ LAPIERRE

Lapierre insiste na lógica de que se a criança tem deficiências impedindo-a de chegar ao cognitivo é porque o ensino que recebeu desrespeitou etapas de seu desenvolvimento psicomotor. Um olhar para um corpo que preventivamente passaria para um cuidado denominado educação psicomotora (Almeida, 2021).

Nessa nova ótica, e mobilizado pela paixão pela Psicomotricidade, Lapierre e os demais diretores de Centros de Psicomotricidade, fundaram a Sociedade Francesa de Educação e Reeducação Psicomotora (SFERPM). A princípio os conteúdos psicomotores eram normativo-funcionais. Aos poucos, com a crise nas escolas de educação básica francesas, foi havendo um interesse de se inserir a Psicomotricidade na prática educacional, saindo essa prática do seu aspeto clássico e assumindo um posicionamento cada vez mais pedagógico sob influências de conceitos piagetianos, por exemplo, acerca da afetividade como mola propulsora da eficiência na aprendizagem, considerando que “a afetividade é o motor ou o freio da inteligência”. A Psicomotricidade passou, assim, a atingir a criança na sua globalidade (Ortega, 2008).

Ao valorizar o momento adaptativo de cada criança, Lapierre (2010) enfatiza os processos de pensamento, onde a criança vai ali descobrir noções abstratas, sendo capaz de utilizá-las no seu intelecto muito antes de poder sequer exprimi-las. São apreendidas a partir de uma vivência concreta e são fundamentais, porque não são utilizadas explicitamente ou implicitamente, em todas as aquisições posteriores. Fazem parte de uma vivência corporal que ficará registada (Almeida, 2021).

Nessa evolução dos estudos e das percepções acerca do trabalho estimulado e realizado com as crianças, Lapierre percebeu mais claramente que as dificuldades referentes ao aspeto escolar, na verdade, escondiam ou reprimiam dificuldades e problemáticas de ordem afetiva muito mais profundas. Assim, na aprendizagem, havia apenas um reflexo dessas vivências mais complexas (Vieira, Batista & Lapierre, 2005). Nos trabalhos lúdicos, nas vivências ou nas sessões com as crianças, foi necessário, nessa nova ênfase de Lapierre, encontrar em conteúdos psíquicos, explicações que fundamentassem essas observações que estavam vindo à tona no seu processo de trabalho (Viana, Braide & Anastácio, 2021).

De acordo com Lapierre e Lapierre (2002), durante os trabalhos com as crianças, identificaram-se muitas noções fundamentais e intelectuais, mas relacionadas também com uma dimensão afetiva imprescindível, um corpo vivido afetivamente antes mesmo do aspeto racional.

Nesta perspetiva, o nosso desejo de explorar a dimensão psíquica devia, então, conduzir-nos a respeitar a evolução espontânea e natural das situações e privilegiar seu aspeto simbólico, afetivo e emocional. Uma vez que existe tal desejo, tal necessidade de viver nesse nível, essa vivência deve ter a sua importância e a sua utilidade no desenvolvimento do psiquismo (Vieira, Batista & Lapierre, 2005).

A Psicomotricidade passava por uma mudança significativa, era necessário abrir o espaço para se viver as diversas possibilidades da emoção e se libertar os impulsos reprimidos, abrir espaços para a vivência afetiva, contactando com os sentimentos e as sensações que com essa vivência afloravam (Lapierre & Aucouturier, 2004).

Nessa evolução proposta por André Lapierre, o Psicomotricista teria que enveredar, além dos conhecimentos pedagógicos, pelo campo psicológico. Foi quando este educador físico e cinesioterapeuta conheceu as teorias de Rogers entre outros teóricos, e fundamentou na Psicanálise seus ideais experienciados (Vieira, Batista & Lapierre, 2005). Muito do que foi vivido nos anos durante os quais desenvolveu junto às crianças e adultos a prática da Psicomotricidade, foi assistido como um caminhar desde a sua perspetiva inicial na Reeducação, passando pela compreensão de significados simbólicos e da vivência do Psicomotricista como parceiro simbólico-relacional no *setting* de trabalho. O campo de atuação passou a se ampliar da pedagogia para a terapia e Lapierre ganhou cada vez mais seguidores incessantes em seus objetivos de expandir essa prática do conhecimento humano (Lapierre & Aucouturier, 2004).

A proposta de se adicionar o termo Relacional ao termo Psicomotricidade era muito mais do que apenas o acréscimo de um léxico da língua. De facto, isso se constitui como o fundamento de uma relação de autenticidade, a partir do movimento lúdico, em que o Psicomotricista pode, por meio de sua decodificação simbólica como parceiro relacional ajudar o outro a, dentro de suas possibilidades, encontrar caminhos positivos para a vida em sociedade (Vieira, Batista & Lapierre, 2005). Uma jornada que começava a aproximar possibilidades onde o nível

do “ser-com-o-outro ou o ser-no-mundo” é o da comunicação e o da compreensão através das expressões simbólicas onde se manifestam as relações do sujeito com o seu mundo que são determinantes para a estrutura do ser-homem (Ortega, 2008, Viana, Braide & Anastácio, 2021).

Psicomotricidade Relacional: uma história marcada pelo simbolismo corporal

Em 1960, o professor André Lapierre, então amadurecido em seus estudos, criou a Psicomotricidade Relacional, procurando mostrar a importância do corpo na educação e suas influências na comunicação humana, considerando que o corpo e a aprendizagem caminham sempre lado a lado. É por meio dele que o indivíduo entra em contacto com o conhecimento (Cabral, 2001). Do nascimento à idade adulta, o corpo registra experiências e sentimentos, automatiza e domina movimentos, amplia a sua capacidade de ação e produz padrões culturais de comportamentos (Vieira, Batista & Lapierre, 2005).

A Psicomotricidade Relacional, nesse sentido, se justifica por proporcionar um espaço, na escola, para a expressão corporal do aluno e do educador, na manifestação dos impulsos inconscientes que os levem à busca do conhecimento, na afirmação da própria identidade e à superação de conflitos normais do desenvolvimento, o que proporciona a libertação do desejo de aprender (Lapierre & Aucouturier, 2004).

Voltada à comunicação não-verbal, essa área de estudo enfatiza os aspectos relacionais, psicofísicos, socioemocionais, cognitivos e afetivos do ser humano (Vieira, Batista & Lapierre, 2005). Lidando com o ser humano e com as suas várias formas de manifestação e de comunicação, busca-se proporcionar à criança um espaço de liberdade no qual a criança aparece inteira: com seu corpo, suas emoções, sua fantasia, sua inteligência em construção (Pich, Ghidetti & Bassani, 2020).

Este estudo tem como objetivo conhecer um pouco mais sobre a travessia histórica de André Lapierre, na busca de associar o movimento e os sinais expressados pelo corpo através de uma comunicação não-verbal – a Psicomotricidade. É através do corpo que as pessoas mostram seus desejos, frustrações e necessidades as quais se manifestam, desde o nascimento e por toda a vida e, nessa perspectiva, elas precisam de ajuda para vencer suas dificuldades, tornando-se livres para a aprendizagem e, conseqüentemente, para a vida (Fonseca, 1993; Viana, Braide & Anastácio, 2021).

OBJETIVO E METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma revisão narrativa da literatura, em que se pretende descrever e discutir o estado da arte sobre o tema da Psicomotricidade Relacional, numa perspectiva teórica ou contextual, permitindo adquirir e atualizar conhecimento (Rother, 2007). A metodologia é exclusivamente de natureza qualitativa.

A escrita deste estudo se deu a partir de procedimentos metodológicos de pesquisa exploratória bibliográfica sobre o tema proposto, tendo como principais autores Vitor da Fonseca, Aucouturier, Winnicott, Piaget, Ajuriaguerra e o próprio Lapierre. A leitura foi rebuscada na literatura clássica, em trabalhos acadêmicos e na mídia eletrônica, além de artigos, documentários, resenhas e publicações, disponíveis eletronicamente com abrangência no assunto.

O enfoque histórico sobre o olhar do corpo, da simbologia e do movimento à luz do percurso de André Lapierre e a estruturação da Psicomotricidade Relacional foram o centro da pesquisa. Desde seu despertar, ainda como estudante de educação física, para as diversas influências dos referenciais teóricos do século XIX, os quais traziam fidedignidade aos limites do corpo, seu movimento e um olhar contemporâneo.

RESULTADOS

A revisão efetuada revela-nos que o conjunto de obras que descrevam o assunto é muito escasso, trazendo uma marca com olhares mais firmes entre o período de 1989 a 2021. A busca com abordagem ampla permitiu relacionar o ponto de partida sobre os trabalhos na área da psicomotricidade relacional, uma ciência ainda em crescimento, que aborda o corpo e o seu despertar simbólico a partir de uma compreensão através dos sinais corporais e uma práxis experienciada.

CORPO E HISTORICIDADE: UM PERCURSO DO CORPO FÍSICO AO CORPO INCONSCIENTE NA TEORIA DE ANDRÉ LAPIERRE

Vivencia-se hoje um momento social, económico e político muito delicado, em que se percebem e sentem, em vários momentos, manifestações de discriminação, violência, descaso com os valores morais e éticos, além da falta ou excesso de limites (Ajuriaguerra, 1983). Na prática escolar, presenciam-se, constantemente, relatos de pais e professores sobre as dificuldades das crianças em relação à aprendizagem, ao relacionamento e à falta de capacidade de se expressarem adequadamente (Vieira, Batista & Lapierre, 2005).

Diante dessa realidade, é importante considerar o pensamento de Lapierre e Lapierre (2002) sobre a Educação Infantil, que consideram como uma fase escolar de suma importância, quando ainda é possível melhorar o comportamento infantil para que se possa adaptar à realidade, com menos defesas neuróticas. O ideal seria que uma educação psicomotora relacional ocorresse de forma sequencial, da Educação Infantil até ao quinto ano do Ensino Fundamental brasileiro (Figueiredo, 1996; Almeida, 2021).

Dessa forma, entende-se que a Psicomotricidade Relacional pode ajudar crianças e adolescentes de maneira preventiva, levando-os a alcançar o equilíbrio no seu desenvolvimento, por meio de trabalhos em grupo em que se privilegia a comunicação não-verbal. Nesse sentido, no âmbito da escola, ela poderá despertar para o desejo de aprender, prevenir dificuldades de expressão motora, verbal e gráfica, estimular a criatividade, facilitar a integração social, elevando a capacidade da criança para enfrentar situações novas e criar estratégias positivas em suas relações, bem como minimizar as manifestações de agressividade, inibição, dependência, afetividade, autoestima, entre outros distúrbios do comportamento (Vieira, Batista & Lapierre, 2005).

DISCUSSÃO

Assim, perante as leituras, análise e interpretação feitas dos documentos encontrados, entende-se a Psicomotricidade Relacional como um espaço de desenvolvimento pessoal e interpessoal importantíssimo, para que se compreenda o desenvolvimento humano, apontando uma perspectiva contemporânea. Aqui também se percebe um momento para a falta à Educação Corporal para reconhecer uma linguagem do corpo que precisa ser vista como via legítima do conhecimento. Existe uma corporeidade de significados que expressa um valor a essa linguagem que é corporalizada. Este conhecer através do mover-se corporalmente, antecede a compreensão humana e só é possível porque o corpo age no mundo (Bracht & Almeida, 2019).

O método da psicomotricidade relacional está alicerçado em um conjunto de teorias, que podem apontar o sofrimento psíquico sem, com isso, ter que enquadrá-lo em uma única teoria, visto que o que está em foco é o ser humano e não o seu sintoma (Viana, Braide & Anastácio, 2021). A partir disso, procura-se potencializar as soluções ativas de cada criança, tendo como intenção, portanto, ajudá-la a construir e conservar um equilíbrio pessoal dinâmico (Piaget, 1998; Almeida, 2021).

Essa construção acontece na medida em que o participante vai, através do jogo espontâneo, integrando as suas dificuldades, necessidades e linguagem, de forma harmônica, à realidade familiar e socioeducativa, aprendendo a conviver com o meio em que está inserido (Winnicott, 1990; Ortega, 2008).

A máxima da Psicomotricidade Relacional é salientada pela afirmativa de que o movimento é vida e vida é relação. Assim, compreendendo os significados e simbolismos contidos nos movimentos e nas interações humanas (o eu e o outro), André Lapierre estruturou essa forma interessante de abordagem sobre o ser humano (Viana, Braide & Anastácio, 2021).

Nela busca-se agir em um nível simbólico, através da motricidade corporal, usando a mediação dos gestos, do diálogo tónico, das posturas, da melodia da fala, além das palavras verdadeiras que ajudam o sujeito a desvelar seus fantasmas (Viana, Braide & Anastácio, 2021). A partir daí, se estimula uma possibilidade na modificação de padrões de conduta repetitivos e sintomáticos, que em alguns casos é imprescindível, sobretudo, nos distúrbios evolutivos, psicomotores, de linguagem, além dos casos de atraso cognitivo, que requerem um tipo específico de decodificação que a abordagem da Psicomotricidade Relacional pode proporcionar (Ortega, 2008).

Utiliza-se, portanto, o brincar como elemento motivador e provocador da exteriorização corporal da criança, capaz de impulsionar os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Essas estratégias de intervenção pedagógica criam, também, condições favoráveis para a construção de um vocabulário psicomotor amplo e diver-

sificado e servem como meio de melhoria das relações da criança com o adulto, com os iguais ou seus pares, com os objetos e consigo mesma. O estímulo à vivência simbólica leva a criança a desenvolver atividades representativas. Com a realização dessas ações corporais (movimentos e ações) a criança constrói o conhecimento das coisas e do mundo, amplia o seu vocabulário psicomotor, acionando mecanismos de pensamento representativo (Vieira, Batista & Lapiere, 2005).

CONCLUSÃO

Na relação adulto-criança é fundamental que o psicomotricista ajude a criança a encontrar caminhos de realizar aquilo que ainda não é capaz de realizar sozinha. Dessa forma, ele assume o papel de mediador e provocador da comunicação da criança, dando-lhe segurança, de acordo com as suas limitações. Na relação do Psicomotricista Relacional com a criança e o adolescente são estabelecidos vínculos afetivos e sensação de segurança e de ajuda. O Psicomotricista Relacional passa a ser um parceiro relacional no *setting* de trabalho, proporcionando segurança aos atos e ações impulsionados pelo desejo de ser e estar no mundo por parte do outro através de sua expressão corporal simbólica.

AGRADECIMENTOS E/OU FINANCIAMENTO

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajuriaguerra J. Manual de Psiquiatria Infantil. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1983.
- Almeira, F.Q. **Conexões**. Campinas: SP, v. 19, e0210019. ISSN: 1983-9030.2020.
- Bracht, V.; Almeida, F.Q. Pedagogia crítica da educação física: dilemas e desafios
- Binger, H. Liber vite meritorum. Editado por Angela Carlevaris. *Corpus Christianorum*: Continuatio Mediaevalis, v. 90. Turnhout: Brepols. 1995.
- Bracht, V.; Almeida, F.Q. Pedagogia crítica da educação física: dilemas e desafios na atualidade. *Movimento*, v. 25, e25001, p. 1-15, 2019.
- Cabral, Suzana Veloso. Psicomotricidade Relacional: Prática Clínica e Escolar. Rio de Janeiro: Revinter, 2001
- Dolto, F. (1999). *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Duby, G. A Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Figueiredo, A. C. Vastas confusões e atendimentos imperfeitos. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1996.
- Fonseca, Vítor. Psicomotricidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Lapiere, A. (2010). Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação. Curitiba: Editora da UFPR.
- Lapiere, A.; Aucouturier, B. *A simbologia do movimento. Psicomotricidade e educação*. 3. ed. Curitiba: Filosofart / CIAR. 2004.
- Lapiere, A.; Lapiere, A. O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: psicomotricidade relacional e formação de personalidade. 2 ed. Curitiba: UFPR / CIAR. 2002.
- Le Goff, J.; Truong, N. Uma história do corpo na Idade Média. Tradução: Marcos Flávio Pires. Revisão técnica: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Nóbrega, Terezinha Petrucia. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2010.
- Ortega, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

**CORPO E HISTORICIDADE: UM PERCURSO DO CORPO FÍSICO
AO CORPO INCONSCIENTE NA TEORIA DE ANDRÉ LAPIERRE**

- Pich, S.; Ghidetti, F.F.; Bassani, J.J. As derivas do corpo e sua educação: dos seus saberes e das suas artes. *In: Galak, Eduardo; Athayde, Pedro; Lara, Larissa. Por uma epistemologia da educação dos corpos e da Educação Física*. Natal: EDUFRRN, 2020. p. 49-61.
- Piaget, Jean; Barbel, Inhelde. *A Psicologia da Criança* 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. Editorial, *Acta paul. enferm.* 20 (2), Jun 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Viana, M. (2012). *Vivências e concepções de vida de jovens vítimas de abuso sexual*. Tese de Mestrado. Universidade de Évora, Portugal, 2012. <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14055>
- Viana, M.; Braide, A.S.G.; Anastácio, Z.C. Motricidade corporal como meio de ressignificação da sexualidade do adolescente institucionalizado. *Revista Internacional de Psicologia do Desenvolvimento e da Educação* Revista INFAD de psicologia 2(2):203-216. DOI: 10.17060/ijodaep.2021.n2.v2.2226. Dez.2021.
- Vieira, L.; Batista, M.I.B.; Lapierre, A. *Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática*. Curitiba: Filosofart/Ciar. 2005.
- Winnicott, Donald Woods. *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.